

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DA 2ª FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

MARINA TAVARES GONÇALVES

**A percepção dos papéis de gênero
pelos alunos do CEPAE**

GOIÂNIA

2015

Marina Tavares Gonçalves

A PERCEPÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO PELOS ALUNOS DO CEPAE

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de ensino médio no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás

Orientadora: Prof. Dra. Anna Maria Dias Vreeswijk

Goiânia

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

FOLHA DE CARGA HORARIA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às grandes mulheres da minha família: minha mãe, minha tia e minha avó. Foram elas que sempre me ensinaram e me mostraram que o sexo feminino, de frágil e incapaz, não tem absolutamente nada.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Anna Maria Dias Vreeswijk, pela brilhante orientação realizada, pela paciência e tempo disponibilizados e por ter me inspirado durante a minha trajetória no CEPAE a realizar esse estudo.

Aos professores da banca, por aceitarem o convite e por serem grandes professores, que em muito contribuíram com a minha formação acadêmica e pessoal.

À minha família, minha mãe Vânia, minha avó, tia, primos, padrasto, pelo apoio e amor que recebi. Vocês são meu alicerce!

Às minhas grandes amigas que sempre me deram força e me fizeram acreditar que no fim das contas tudo daria certo.

Ao Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, a instituição a qual devo muito de tudo o que sou, sei e conquistei, foram 12 anos nessa escola maravilhosa, os quais, com certeza, nunca esquecerei.

RESUMO

Averiguar e analisar a percepção dos alunos do CEPAE acerca dos papéis atribuídos aos gêneros foi a principal meta desse estudo, visto que, são justamente essas atribuições que legitimam as relações de poder existentes entre homens e mulheres, na qual o sexo feminino, tido como mais frágil e submisso por natureza, é inferiorizado em relação ao masculino, caracterizando o machismo. Além disso, o engessamento das concepções de gênero acarreta em outras consequências como a homofobia. Para chegar às informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa foram aplicados questionário na primeira e segunda fase do Colégio Aplicação da UFG e, a partir desses dados, muitos questionamentos puderam ser realizados, como a ineficácia da educação formal no que diz respeito à desconstrução dos ideais de gênero perpetuados, à construção de tais ideais desde a infância e à naturalização das características e comportamentos conferidos às mulheres e homens.

PALAVRAS-CHAVES:

gênero, masculino, feminino, machismo, alunos do CEPAE

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A DIFERENCIAÇÃO ENTRE HOMENS E MULHERES	12
2. A IDEALIZAÇÃO DE CADA GÊNERO	19
3. AS REAÇÕES FRETE AO MACHISMO	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	40

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como viés principal a discussão acerca da construção e idealização dos gêneros masculino e feminino, mais especificamente, qual a percepção dos alunos do CEPAE acerca das imagens e papéis atribuídos socialmente aos homens e mulheres, buscando averiguar se eles compreendem a construção histórica, cultural e social desses papéis. Outrossim, pretende-se relacionar a concepção dos mesmos, acerca dos ideais de gênero, às possíveis consequências que ocorrem em detrimento do engessamento desse conceito.

A não percepção das raízes de tais ideais de gênero concebidos em determinada cultura, tempo e espaço, acarretam na concepção de um paradigma incontestável e inerente da natureza do homem e da mulher, aspecto apropriado por muitos para fundamentar a desigualdade de gêneros e o machismo. Pensando nisso, busca-se também apreender qual a reação dos alunos do CEPAE ao se depararem com frases de cunho machista.

O interesse em alavancar essa pesquisa surgiu a partir da minha posição como aluna de Ensino Médio e, mais do que isso, mulher, em que me deparo frequentemente com discursos que buscam moldar minhas ações, tentando me ensinar como devo pensar e agir, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Observo que esses discursos são diferentes conforme o sexo das pessoas, distinguindo como os homens e as mulheres devem se comportar. Diante disso, me indago o que fundamenta tais distinções entre os gêneros.

Ademais, essa proposta de estudo se mostrou inovadora, visto que não há outras pesquisas fundamentadas nessa vertente de pesquisa sobre gênero, em que se procura avaliar a percepção de jovens e crianças, tampouco dos alunos do CEPAE, sobre o assunto.

Como referencial teórico conceitual, trabalho com os conceitos de gênero e de machismo. A conceitualização do termo “gênero” iniciou-se no fim da década de 1970, devido a uma modificação no objeto de estudo do Movimento Feminista, que passou a sentir a necessidade de um conceito que englobasse “tanto relações de poder sobre o masculino e o 'feminino' quanto especificidades marcadas por características histórico-culturais...” (FAGUNDES, ALMEIDA, ANDRADE & MIRANDA, 2009, p. 3), isto é, que conseguisse

abordar a dominação dos homens sobre as mulheres, e ao mesmo tempo discutir sobre a padronização do masculino e feminino, resultada de aspectos provenientes de uma cultura, em um determinado espaço e tempo.

No início dos estudos feministas, a palavra gênero era empregada como contrária a sexo, sendo que sexo se referia às características tidas como puramente biológicas e naturais, desvinculadas de construções histórico-culturais. Desse modo, gênero denotava aquilo que é oriundo de construções sociais.

Entretanto, com o aprofundamento dos estudos de gênero, as autoras feministas perceberam que falar de gênero vai além disso. Está ligado a esse termo vertentes políticas. Discutir esse conceito é pautar a opressão do patriarcado, que está enraizada politicamente em nossa sociedade em um discurso linguístico e social, tendo em conta que as diferenças entre os sexos se estabelecem a partir de uma hierarquização, em que o masculino é relacionado a tudo aquilo que se encontra em uma posição de superioridade. (FAGUNDES, ALMEIDA, ANDRADE & MIRANDA, 2009)

Uma das mais célebres estudiosas sobre esse assunto é Judith Butler, segundo essa autora, a partir do momento que o gênero passa a ser concebido somente como uma questão cultural, torna-se possível romper com a ideia de sistema binário de gêneros, pois não há motivos para crer que algo tão amplo deva ser representado apenas por dois grupos: o feminino e o masculino. (BUTLER apud FAGUNDES, ALMEIDA, ANDRADE & MIRANDA, 2009, p. 6)

Já o termo machismo é definido como “*um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher*” (DRUMONT, 1980). Isto é, um conjunto de concepções e ações que alegam a superioridade do homem em relação à mulher, concedendo mais poder ao sexo masculino e sujeitando o feminino a uma posição de submissão e disparidade.

A metodologia utilizada nessa pesquisa será baseada nas respostas de questionários respondidos pelas turmas do 3ºB e 9º A e B do Ensino Fundamental e 2º A do Ensino Médio do CEPAE.

Serão feitos dois tipos diferentes de formulários: um cujo as respostas demandam a transposição escrita das ideias dos alunos de acordo com as questões propostas – este será aplicado nas turmas em que os estudantes apresentam maior autonomia – e o outro avaliará as

mesmas percepções, porém, de um modo questões objetivas de marcar X, pois será preenchido pelos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. Ambos serão respondidos de forma anônima e analisados qualitativamente, tendo em vista que esse tipo de investigação possibilita “apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto.”¹ (ANDRÉ apud ALVES & SILVA, 1983, p. 61). Ou seja, analisar mais profundamente as questões levantadas, já que o leque de informações obtidas sobre o indivíduo em si e sua idiossincrasia é mais amplo em análises qualitativas.

O primeiro questionário, pensado para ser aplicado nas turmas da segunda fase do ensino fundamental e ensino médio, possui 3 etapas. A primeira consiste no entendimento que o sujeito possui acerca dos comportamentos e características normativas e inatas atribuídas ao sexo feminino e masculino; a pergunta é dividida em duas fases: caso o estudante pense que há característica, comportamentos e hábitos típicos de mulher e homem, ele descreverá quais são, caso contrário, ele dirá o porquê acredita que não exista tais comportamentos. A segunda etapa trata da percepção que o próprio aluno tem como “modelo ideal” de homem e mulher, nela, ele registrará se para ele há um modelo ideal de ambos os gêneros, e a partir disso expor qual seria esse modelo “perfeito” feminino e masculino, e quando não, esclarecer a origem dessa concepção. A terceira visa identificar qual a reação e atitude dos estudantes do Colégio Aplicação da UFG, frente a 8 frases “cômicas” de cunho machista que foram retiradas da internet, frases como: “Tá certo que mulheres devem correr atrás dos seus direitos, mas na volta vê se traz uma cerveja!” e “homem não chora, aquilo que você viu era meu suor hétero”.

O segundo questionário é objetivo, nele são representadas 8 imagens: a de um carro, de um rottweiler, de um shih tzu, um astronauta, uma pessoa chorando, itens de limpeza doméstica, dinheiro e por último alguém cuidando de um bebê. Nele, a criança marcará com um X a alternativa que ela julga ser a correta, a que ela acha que se relaciona mais com a imagem, sendo três opções: homem, mulher ou ambos.

As turmas que participarão da pesquisa foram selecionadas a partir de diferentes critérios, tendo em vista que a pesquisa deverá abranger alunos de diferentes faixas etárias.

O primeiro grupo, o terceiro ano B do Ensino Fundamental, foi considerado pelo fato de ser a classe que apresenta os alunos mais novos da escola, já habilitados a responderem os questionários, devido ao nível de letramento deles, que é suficiente para proporcionar autonomia para que eles possam ler e responder as questões. O processo não foi

feito em ambas as turmas do 3º ano, posto que a disponibilidade dos horários do terceiro ano A não estão em conformidade com os meus* e, principalmente, pela escassez do tempo.

É almejado nesse estudo um conjunto de pessoas que já tenham passado pelo Ensino Médio inteiro, mas que ainda se encontram em uma fase de transição, por esse motivo as turmas dos nonos anos foram incluídas. Afinal, com qual mentalidade acerca dessa discussão sobre gêneros, esses alunos estão entrando no Ensino Médio?

Para que ficasse mais completo, estudantes do Ensino Médio também deveriam estar incorporados nessa investigação. Nos primeiros anos a professora de história, que por sinal é a orientadora dessa pesquisa, havia trabalhado com eles esse eixo temático, o que, sem dúvidas comprometeria as respostas. Pela mesma razão os terceiros anos não seriam a melhor opção, todavia, o empecilho é por eles serem meus colegas de classe e conviverem diariamente com as minhas ideias e, é claro, já estarem cientes da abordagem do meu TCEM. Por consequência, a sala mais apropriada para essa análise é o segundo ano, sendo que a turma B não foi integrada, por efeito da falta de tempo e disponibilidade de horários, participando somente a turma A.

As dificuldades para construir os questionários, principalmente o que compreende questões abertas, foram complexas. A maior delas foi conseguir pensar em indagações que estimulariam o aluno a responder as perguntas, abordando os aspectos que contribuiriam para a execução desse estudo, sem que ao mesmo tempo induzisse suas respostas.

A análise feita a partir desses questionários terá caráter qualitativo, isto é, as informações obtidas não serão analisadas somente numericamente. Os resultados obtidos serão destrinchados e utilizados para averiguar o comportamento de uma maioria, a partir da observação do discurso e da fala dos estudantes, explorando-os com mais profundidade, buscando compreender as raízes dos pensamentos expressados nos questionários.

1. A DIFERENCIAÇÃO DOS GÊNEROS

Com a intenção de averiguar a presença de papéis que são destinados a homens e mulheres na mentalidade dos alunos pesquisados, foi posta a seguinte questão: “Na sua concepção há características, comportamentos ou coisas que são típicos de mulheres e homens?”. A partir disso, os resultados obtidos por turma foram sintetizados nas tabelas abaixo:

9° ano A	Sim	Não	Exceção
Na sua concepção há características, comportamentos ou coisas que são típicos de mulheres e homens?	11	12	2

9° ano B	Sim	Não	Exceção
Na sua concepção há características, comportamentos ou coisas que são típicos de mulheres e homens?	18	8	5

2° ano A	Sim	Não	Exceção
Na sua concepção há características, comportamentos ou coisas que são típicos de mulheres e homens?	21	6	0

*Dentro de exceção entram as respostas que fugiram do que foi solicitado

Percebemos então que, salvo a exceção da turma do 9° ano A, que apresentou mais respostas dizendo que não há características típicas de mulheres e homens do que dizendo sim, pela diferença de um estudante, nas outras turmas mais da metade dos alunos e alunas expressaram que pensam que há sim comportamentos e coisas que são próprios dos gêneros, sendo que na sala cujo os participantes são mais velhos, essa desproporção foi a maior. De todos os 83 estudantes do CEPAE que colaboraram com a pesquisa, 60,24% alegaram que sim, contra 31,32% que delataram o oposto.

Desse modo, é notável que essa é uma concepção que já está enraizada e cristalizada na mentalidade dos jovens, e mesmo que haja aqueles que pensam o contrário, não caracterizam uma maioria.

É justamente em combate a essa ideia que o conceito de gênero foi desenvolvido. Gênero compreende as construções sociais e culturais dos papéis atribuídos aos homens e mulheres que, portanto, são passíveis de serem transformados com o tempo e espaço. É um conceito que se opõe à naturalização dessas características, distinguindo-se impreterivelmente de sexo, que diz respeito ao biológico e fisiológico dos seres humanos. Dentro dessa lógica, Joan Scott caracteriza o termo dizendo que:

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT apud ARAÚJO, 2015. S. p.)

Não obstante, o conceito de gênero, até o fim da década de 1970, portava somente o significado gramatical, que ainda é presente também na atualidade; segundo o dicionário *Michaelis*, gênero designa o “agrupamento de indivíduos que possuem caracteres comuns. Espécie, casta, raça, variedade, sorte, categoria, estilo etc. Qualidade, espécie, modo.” Ou seja, se referia apenas aos gêneros literários, cinematográficos, das palavras (professor, professora) etc. Foi a partir dessa época, com a propagação do Movimento Feminista e evolução de seus estudos, que constituiu-se essa nova roupagem, que explicita as lacunas do discurso arraigado na sociedade sobre as características inatas e funções determinadas de mulheres e homens.

Com a intensificação das pesquisas sobre gênero, foi-se compreendendo que o assunto é ainda mais complexo e vai mais afundo do que essa oposição entre biológico e cultural. Tratar de gênero é discutir sobre relações de poder e hierarquização. Isso torna-se claro quando buscamos averiguar quais são essas características e papéis concernentes aos sexos biológicos: macho e fêmea.

Dentro dessa análise, vale frisar que a religião foi e ainda é usada como um meio crucial para justificar as distinções impostas entre os gêneros. Na Idade Média e Moderna isso

se mantinha com mais força, homens e mulheres eram tidos como diferentes em decorrência do poder de deus, isto é, porque essa entidade suprema os fez assim. Isso é constatado primordialmente no livro de Gênesis, na criação de Adão e Eva; é importante ressaltar que a imagem da mulher ligada à discórdia proveio dessa leitura, pois Eva foi a deturpadora da paz, a “tola” que desobedeceu a deus e, como se não bastasse, persuadiu Adão a fazer o mesmo. Em decorrência disso, as mulheres, por serem consideradas “criaturas inferiores”, deveriam estar subordinadas ao poder masculino, e aquelas que se atreviam a enfrentar esse padrão imposto eram perseguidas e mortas. A chamada Inquisição ilustra isso perfeitamente, já que o número de pessoas do sexo feminino acusadas e condenadas por bruxaria, magia negra, pacto com forças demoníacas, além de demais outros atos tidos como profanos, foi significativamente maior do que o de homens.

Na Revolução Científica do século XVIII, alicerçada nos ideais iluministas, a fundamentação baseada nessa mentalidade religiosa ganha uma nova perspectiva. Daí em diante, a legitimação do poder patriarcal amparou-se no viés “racional”: homens e mulheres se diferem por natureza. A razão é valorizada, no entanto é vista como um dom exclusivamente dos homens, enquanto as mulheres passaram a ser caracterizadas como seres puramente emotivos e submissos, cabendo assim a elas, as funções domésticas e a eles as políticas, econômicas e filosóficas. Isso representa a naturalização de tal desigualdade entre gêneros, as distinções, anteriormente justificadas pelo poder divino, introduzem-se agora como sendo de ordem natural e biológica, proveniente da natureza.

Além dessas discrepâncias no plano da razão, as físicas vêm sendo difundidas a milênios: os machos são mais fortes fisicamente, portanto, possuem o direito de subjugar as fêmeas, e o dever de protegê-las.

Tais concepções, são utilizadas para justificar e legitimar a dominação do homem sob a mulher, para estabelecer e fundamentar as relações de poder. Para Scott, gênero “é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder”. (SCOTT apud ARAÚJO, 2015. S. p.)

Com a finalidade de avaliar se o sexo dos alunos interfere de alguma forma na concepção que eles têm sobre os papéis e comportamentos típicos de homens e mulheres, foram organizadas as seguintes tabelas:

2° ano A (sexo: feminino)	Sim	Não	Exceção
Na sua concepção há características, comportamentos ou coisas que são típicos de mulheres e homens?	16	5	0

2° ano A (sexo: masculino)	Sim	Não	Exceção
Na sua concepção há características, comportamentos ou coisas que são típicos de mulheres e homens?	5	1	0

9° ano A (sexo: feminino)	Sim	Não	Exceção
Na sua concepção há características, comportamentos ou coisas que são típicos de mulheres e homens?	3	7	2

9° ano A (sexo: masculino)	Sim	Não	Exceção
Na sua concepção há características, comportamentos ou coisas que são típicos de mulheres e homens?	8	5	0

9° ano B (sexo: feminino)	Sim	Não	Exceção
Na sua concepção há características, comportamentos ou coisas que são típicos de mulheres e homens?	9	3	4

9° ano B (sexo: masculino)	Sim	Não	Exceção
Na sua concepção há características, comportamentos ou coisas que são típicos de mulheres e homens?	9	5	1

Com base nessa relação feita, notamos que não há uma associação direta entre o sexo dos alunos e o tipo de resposta obtida. Em todas as turmas, com exceção da parcela feminina do 9° ano A, a maioria dos estudantes, sendo eles do sexo masculino ou feminino, alegaram que na concepção deles existem características, comportamentos ou “coisas” que são típicos de homens e mulheres. Contudo, constata-se uma quantidade proporcionalmente

maior, mesmo que sutil, de homens que possuem essa visão; no total, 64,7% e 57,1% dos meninos e meninas, respectivamente, responderam que sim.

Para aprofundar melhor, averiguar quais são exatamente essas características atribuídas aos homens e mulheres, no questionário, o item 1.1 tratava em pedir essas descrições.

As respostas mais comuns e frequentes qualificavam os homens como líderes, seres com um instinto protetor que promovem o sustento da família, mas ao mesmo tempo rudes, agressivos, que não se preocupam com a própria aparência, mais calados e, principalmente, não sentimentais.

É típico de homem trabalhar e sustentar a família, (é também da mulher, mas o homem em específico). Os homens também são mais fechados e machistas.” (FEMININO, 13 ANOS)

O homem é mais bruto, mais agressivo etc. Mas homem e mulher podem ser como quiser. (MASCULINO, 15 ANOS)

Jogar bola, deixa coisas desarrumadas, trabalhar fora, sair para se divertir e fazer amor. (MASCULINO, 14 ANOS)

Os homens tratam os outros mais rusticamente. (MASCULINO, 16 ANOS)

homens são mais ‘largados’, não lembram das coisas que as mulheres consideram importantes (FEMININO, 15 ANOS)

Algo forte, pesado, bruto. (FEMININO, 15 ANOS)

Por um outro lado, as mulheres foram descritas como as responsáveis em cuidar dos filhos e da casa, serem mais vaidosas, delicadas, frágeis, “tagarelas”, atenciosas e abertas emocionalmente.

Creio que é típico da mulher ter cuidado com a beleza, ser mais frágil do que os homens, e ter mais cuidado com tudo. As mulheres são mais abertas e sentimentais. (FEMININO, 13 ANOS)

A mulher é naturalmente mais vaidosa, mais delicada no sentido de beleza... Porém ela não é inferior ao homem (MASCULINO, 15 ANOS)

Dona de casa, gostam muito de dinheiro, cozinhar, lavar, passar roupas, ir no salão, fazer unhas e fazer amor (MASCULINO, 14 ANOS)

As mulheres tem comportamentos mais amorosos (MASCULINO, 16 ANOS)

As mulheres são mais delicadas, reparam mais nas coisas, lembram com mais facilidade (FEMININO, 15 ANOS)

Algo mais leve, frágil (FEMININO, 15 ANOS)

Em contrapartida, aqueles que responderam que não há um padrão feminino e masculino se apoiaram no discurso de liberdade individual, todos podem ser e ter aquilo que bem quiser, ou de que modelos ideais de conduta não existem mais, que já foram superados nos dias de hoje:

Pois na nossa sociedade todos são do jeito que querem, ser ou seja não tem um comportamento ou características que diferenciam um homem ou uma mulher. (MASCULINO, 15 ANOS)

Porque características e comportamentos são algo que adquirimos com nossa família ou pessoas próximas (amigos, vizinhos), isso é, cada pessoa tem sua característica e comportamento da forma que ela foi criada e com as pessoas que ela convive. (MASCULINO, 14 ANOS)

Não há, pois cada pessoa se comporta da forma que a convém independentemente de qual seja seu sexo. (FEMININO, 16 ANOS)

Pois independentemente do sexo, o ser humano é livre para fazer o que quiser. (FEMININO, 14 ANOS)

Na minha opinião não há características entre homem e mulher, pois hoje em dia tudo é misturado, nada mais tem tanta distinção como no passado, o mundo está livre porém ainda existe certos preconceitos. (FEMININO, 17 ANOS)

Porque a sociedade impõe que seja de homem ou mulher, mas na minha opinião existem comportamentos, você é livre pra fazer o que quiser, seu comportamento só diz respeito a você. (FEMININO, 14 ANOS)

Porque todos, independentemente do sexo tem direito de agir da forma desejada. (MASCULINO, 14 ANOS)

A justificativa desses alunos em relação à não existência de um padrão feminino e masculino não chega ao cerne da questão, pois não estabelece nenhuma crítica efetiva. A fundamentação desse pensamento embasada nas liberdades individuais não alcança o ponto que realmente deve ser debatido: tais características, coisas ou comportamentos que são

típicos de homens e outros de mulheres como parte de uma construção histórica, social e cultural, não problematizando o fato de que muitas dessas atitudes e papéis são impostos, não inatos. Além disso, cria-se a ideia de um mundo utópico, distante da realidade, em que “*todos, independentemente do sexo tem direito de agir da forma desejada*”, o que torna-se também um empecilho, tendo em vista que não enxergar um problema corrobora para a sua permanência.

2. A IDEALIZAÇÃO DOS GÊNEROS

Outro fator que alimenta a conservação desses papéis instituídos é a idealização dos mesmos, invertendo a lógica de dominação. Esses comportamentos são tomados como se fossem o desejo, a vontade de cada indivíduo. Pensando nesse aspecto, a segunda pergunta do questionário abordava exatamente esse ponto: a existência de um homem e/ou mulher ideal.

Dentre os 83 alunos pesquisados, 33,73% responderam que há sim um modelo de homem e um de mulher ideal, contra 60,24% que alegaram o contrário (os outros 6% ou não responderam, ou responderam de maneira indevida).

Ao analisar as descrições de homem e mulher ideal dos que responderam sim, foi possível estabelecer um paralelo com um artigo escrito por Couto, Schraiber, Oliveira & Kiss (2006), integrantes do Departamento de Medicina Preventiva (DMP) da USP, que apresentou como base uma pesquisa qualitativa realizada em São Paulo, com homens e mulheres de baixa renda e escolaridade, na faixa etária de 25 a 35 anos.

Nessa pesquisa foi constatado que entre os homens, a imagem da mulher ideal se ateve a dois aspectos: o primeiro, e mais presente, foi em relação ao comportamento das parceiras no interior do relacionamento, o segundo foi referente às imagens femininas que circulam na mídia.

Quanto ao primeiro aspecto (atributos da parceira), a representação da mulher ideal remete, para boa parte dos homens, à inteligência, à maturidade, à responsabilidade, ao resguardo e à dedicação, atributos considerados e valorizados como pilares do relacionamento. (COUTO; SCHRAIBER; OLIVEIRA & KISS, 2006, s. p.).

Em relação à emancipação feminina, foi apontado que “há ambiguidades na definição masculina dos espaços de liberdade e autonomia da mulher, que não devem esbarrar nas fronteiras do poder masculino estabelecido.” (COUTO; SCHRAIBER; OLIVEIRA & KISS, 2006, s. p.). Isto é, a mulher ideal na concepção desses homens, pode e, até mesmo deve, trabalhar fora de casa e contribuir para o sustento da família, mas essa “liberdade” não deve ultrapassar o poder masculino.

No que diz respeito aos alunos do CEPAE, todas as descrições tiveram como base o ideal de uma mulher dentro de um relacionamento afetivo, e as qualidades idealizadas também se referiam ao que consolidaria, de fato, uma ligação afetiva. O lado emocional também foi citado como essencial para que isso ocorra: uma mulher carinhosa, que perdoa, que faça o outro feliz. O fator de submissão e fragilidade feminina como algo desejável marcou algumas descrições, similarmente à pesquisa feita, em que as fronteiras do poder masculino estabelecido não deveriam ser confrontadas por uma mulher ideal.

É uma mulher que não chingue igual homem, que passe um ar de fragilidade que leve um homem a tratá-la da melhor forma possível. (MASCULINO, 16 ANOS)

Mulher ideal para mim seria aquela que eu goste e que me fizesse feliz. (MASCULINO, 14 ANOS)

Inteligente, verdadeira é com própria opinião.” (MASCULINO, 14 ANOS)

A mulher ideal para mim é aquela que se parece com eu e que me entende, mais eu ainda olho um pouco a aparência. (MASCULINO, 13 ANOS)

A mulher ideal é aquela que dá amor, carinho, é uma mulher bem informada, sabe cozinhar, e que tenha filhos, e respeite o próximo. (MASCULINO, 14 ANOS)

A mulher que não se vitimiza por ser mulher. (MASCULINO)

Tem que não ser egoísta, tem que ser ética, saber olhar os dois lados da situação, amigável e independe de fontes alheias, fontes de amor e de opiniões, tem que ter sua própria opinião e amor a si mesma, sabendo distinguir o que é melhor para ela e seu companheiro e todos a quem estiver ao seu alcance. (MASCULINO, 18 ANOS)

Quanto à visão que os homens demonstraram acerca da imagem de um homem ideal na pesquisa realizada por Couto, Schraiber, Oliveira e Kiss (2006), o que ficou claro é que eles, como homens reais, acharam difícil encontrar atributos próprios e os mesclar com valores que acham pertinentes para construir a imagem do homem ideal, e portanto, apresentaram uma ideia de como para eles seria esse homem em uma perspectiva feminina, e não na deles. Para esse grupo pesquisado, “o homem ideal para as mulheres é aquele que 'ajuda' em casa, é prestativo, dedica-se à família, é gentil (mas não ‘viado’/‘delicado’) e companheiro.” (COUTO; SCHRAIBER; OLIVEIRA & KISS, 2006, s. p.).

Assim, o homem deve ser prestativo, mas a função do cuidado da casa ainda continua sendo vista como uma atribuição feminina, cabendo ao homem apenas “ajudar”. Contudo,

sem ser delicado, característica associada à homoafetividade masculina por meio de um conjunto de termos usados pelos entrevistados no sentido pejorativo e ofensivo, como “viado”.

Para os alunos do CEPAE, o homem ideal foi pensado também a partir da perspectiva mulher-homem, o que na concepção deles seria um bom companheiro para uma mulher. As respostas mais comuns idealizaram esse parceiro como sendo amigável, carinhoso, forte, trabalhador e que se importa com a família.

que respeita, da carinho, afeto, amor e felicidade, trabalha, estuda e tem muito amor pra dar. (MASCULINO, 14 ANOS)

um homem que trate a mulher como a coisa mais valiosa, um homem que saiba expressar seus sentimentos para sua família.” (MASCULINO, 16 ANOS)

Um cara que fosse tranquilo, gente boa, alegre que atende tudo que uma mulher quer. (MASCULINO, 14 ANOS)

Inteligente, leal, protetor. (MASCULINO, 14 ANOS)

Não tenho opinião sobre isso, apenas. Tem que ser amigável, compreensivo, não ser ignorante, tenho vários amigos verdadeiros que são assim e eu mesmo na minha opinião. (MASCULINO, 14 ANOS)

Por outro lado, no estudo realizado por Couto, Schraiber, Oliveira e Kiss,

a imagem construída de um homem ideal, rejeita a figura do típico patriarca que reuniria em si o poder de mando dentro do ambiente doméstico. Uma relação mais igualitária, na qual o companheirismo, a amizade e a dedicação à cónyuge e aos filhos, foi a base a partir da qual elas elaboraram o ideal de homem. (COUTO; SCHRAIBER; OLIVEIRA & KISS, 2006, s. p.).

Essa foi a percepção que muitas alunas demonstraram no questionário, um homem que não seja machista, nem autoritário, mas que seja fiel à companheira, atencioso, prestativo. Mais uma vez, a concepção que se tem de homem ideal está vinculada, principalmente, ao campo do relacionamento afetivo.

O homem ideal seria aquele que gostasse mais do que fg, ter mais atenção com os outros e parar de ter comportamento machista. (FEMININO, 15 ANOS)

Aquele cara que seja trabalhador, honesto, que seja companheiro, amigo. (FEMININO, 16 ANOS)

O homem ideal é aquele que se iguala a mulher, com os mesmos direitos sem se achar superior. (FEMININO, 17 ANOS)

Aquele que respeita, da atenção, é carinhoso, que saiba amar de verdade, verdadeiro, gentil, que saiba cozinhar, lavar e limpar, que seja sincero e que não iluda uma mulher. (FEMININO, 14 ANOS)

O homem ideal é um homem trabalhador que da alimentação em casa, que da a educação para os filhos. (FEMININO, 14 ANOS)

Um homem ideal, acima de tudo, que não é machista. E realmente se importa com o bem-estar do outro, e que é sincero, tenha caráter e trate uma mulher como ela merece. (FEMININO, 13 ANOS)

trabalhador, fiel, comportado. (FEMININO, 14 ANOS)

No que toca à representação da mulher ideal a partir da perspectiva feminina, a independência, a construção de um projeto próprio de vida foram as características mais marcantes no discurso das entrevistadas na pesquisa de Couto, Schraiber, Oliveira & Kiss (2006), promovida pela USP, em contrapartida, ainda que esse pensamento esteja presente em algumas das respostas obtidas nos questionários respondidos pelas alunas do CEPAE, a idealização da mulher como aquela que “ se dá o respeito”, se preserva, é fiel, enfim, se porta de “maneira adequada”, é a mais acentuada.

Uma mulher trabalhadora, fiel (FEMININO, 14 ANOS)

Uma mulher ideal é aquela que é meiga, mas não se importa com o que falam dela, faz tudo o que pode, é esforçada e se importa somente com que realmente é necessário, tipo com os sentimentos dos outros. (FEMININO, 13 ANOS)

Aquela que se valoriza acima de tudo, não se entrega para qualquer um, que se acha linda, sem se comparar a o padrão que a mídia impõe, que se cuida, busca evoluir, tem grandes sonhos e luta para conquista-los. (FEMININO, 15 ANOS)

Uma mulher que é educada, que gosta de coisas de mulher, meiga e ao mesmo tempo valente. (FEMININO, 15 ANOS)

Uma pessoa culta, comportada, que não falta o respeito a qualquer pessoa. (FEMININO, 15 ANOS)

Que se valoriza independentemente de tudo, sabe se divertir, mas também sabe se divertir com consciência e não fica correndo atrás de homem dos outros. (FEMININO, 13 ANOS)

Aquela que pensa antes de falar, que dá carinho, que é sempre verdadeira e sincera, que respeita, que dá o melhor de si, que saiba cozinhar, lavar e limpar, etc. (FEMININO, 14 ANOS)

O ponto de interesse nessa comparação se fundamenta em evidenciar o enraizamento dessa determinação dos papéis concernentes aos gêneros, tendo em vista que foram feitas duas pesquisas em um período de quinze anos de diferença, em duas regiões distintas, com grupos díspares tanto em relação à escolaridade, quanto à faixa etária e, mesmo assim, as respostas adquiridas foram semelhantes. A partir disso torna-se claro que esse pensamento, por estar tão arraigado em nossa sociedade, ultrapassa as desigualdades econômicas e educacionais.

Todavia, vale ressaltar mais uma vez que a maioria dos estudantes alegaram que não existe um modelo de “mulher e/ou homem ideal”, entretanto, novamente a justificativa não problematizou essa questão, o embasamento se ateve às diferenças individuais, como as peculiaridades de cada indivíduo o faz único e especial e/ou o fato de que ninguém é perfeito, pois todos possuem defeitos.

Porque cada um tem seu próprio jeito. (FEMININO, 16 ANOS)

Eu acho que não existe porque não tem uma pessoa que seja ideal e acredito que não é possível. (FEMININO, 17 ANOS)

Porquê não existe nada ideal, e muitas vezes a busca pelo ideal alimenta a discriminação. (MASCULINO, 16 ANOS)

Porque todas as pessoas não são iguais todos tem um pensamento, mas não existe ninguém ideal cada um tem seu gosto e pensamento. (MASCULINO, 16 ANOS)

acredito que não, cada um é de um jeito e possivelmente se destaca de forma diferente, com um brilho diferente. (FEMININO, 15 ANOS)

Porque todos temos defeitos, ninguém é perfeito. (FEMININO, 16 ANOS)

Porque vai de cada pessoa, existe preferência, mas todos nós somos ideais. (FEMININO, 15 ANOS)

Pois cada um tem sua característica própria, suas particularidades. (FEMININO, 15 ANOS)

Diante desse quadro, percebe-se que parte dos alunos corroboram para o discurso que essencializa e perpetua os papéis de gênero, enquanto outro segmento rompe, porém não de forma efetiva, com o estabelecimento e a imposição desses comportamentos, características e funções determinadas aos homens e mulheres, pois não se fundamentam na compreensão da construção social e cultural, mas sim no discurso liberal, de que cada um pode ser o que quer, o que dificulta uma crítica às relações de dominação existentes na sociedade.

Apenas três alunas, dentre os 83 estudantes que participaram do estudo, conseguiram superar o senso comum, identificar e desfazer o processo de naturalização desses papéis.

Duas dessas alunas deixaram evidente que há sim características, comportamentos ou coisas que são típicos de homens e outros que são típicos de mulheres, todavia não são inatos, são “empregados na cultura da nossa sociedade e muitas outras.” (FEMININO, 17 ANOS)

No que diz respeito às mulheres e homens, a percepção foi bastante similar:

Em nossa sociedade há valores, estímulos e uma série de comportamentos que a mulher tem que seguir para se caracterizar como uma mulher. Não que para ser uma mulher o indivíduo precisa seguir tais comportamentos como roupas para mulher, ter cabelos grandes, usar maquiagem, depilar, ser educada, ser ‘mocinha’, frágil etc. (FEMININO, 17 ANOS)

Mulheres, geralmente, são impostas a brincar de boneca, vestir rosa, arrumar a casa, ‘guardar’ seu corpo, serem mais responsáveis etc. E há aquelas que aceitam serem impostas a isso, o que se torna características típicas delas. (FEMININO, 14 ANOS)

O que irei dizer agora não é o que eu penso de um homem, porém em nossa sociedade homem é forte, sinônimo de ser humano, bravo, cabelo curto, homem não chora, homem tem que estar o tempo todo marcando território e deixando claro sua orientação sexual (deixando claro que no senso comum homossexual ainda não é considerado homem). (FEMININO, 17 ANOS)

Homens são impostos a brincarem de carrinho, usarem azul, não terem a preocupação de serem organizados, a ‘pegarem’ todas, etc. (FEMININO, 14 ANOS)

A terceira aluna se posicionou em uma outra perspectiva, para ela não há características, comportamentos ou coisas que são típicos de homens e outros que são típicos de mulheres, no entanto, não deixou de criticar e questionar o determinismo de gêneros.

Acho que nosso passado histórico/cultural influencia muito nas nossas ações de hoje em dia. Por exemplo, homens são para trabalhar e mulheres para ficarem em casa, cuidando dos filhos. Em minha opinião ambos os sexos são ideais para fazerem diversas coisas, qualquer coisa que eles têm vontade de fazer. (FEMININO, 14 ANOS)

A questão a ser debatida é clara: as diferenças biológicas entre os seres humanos são empregadas constantemente para legitimar as atribuições sociais designadas a todos os indivíduos e, conseqüentemente, normatizar as habilidades e capacidades de cada um conforme o grupo pertencente. As distinções concernentes ao sexo não são uma exceção; esses fatores irão sentenciar e reger a vida das pessoas em diversos aspectos, mesmo que não tenham fundamento e coerência em um contexto social. As diferenças biológicas entre o sexo feminino e masculino são inegáveis, mas será que essas distinções anatômicas validam as distinções sociais?

Ademais, outra reflexão importante a ser levantada se consolida na base educacional. Mesmo os alunos do CEPAE, que possuem acesso a uma educação formal de qualidade, professores e professoras que sempre tentam incluir essa temática em suas aulas e discuti-las em sala, não conseguiram desconstruir a padronização dos papéis de gênero. Não seria necessário então, mais do que a discussão em algumas aulas, a inserção do estudo sobre gêneros na grade curricular de ensino formal, não somente em nossa escola, mas em todas as instituições de ensino do país? Estudar sobre a desigualdade de gênero não deve ser visto como uma doutrinação, e sim como uma ferramenta na conquista pela igualdade.

3. A REAÇÃO FRENTE AO MACHISMO

A segunda parte do questionário, aplicado nos alunos da segunda fase, consistiu em analisar como eles reagem frente ao machismo. Foram retiradas 8 frases “cômicas”, de cunho machista, de blogs e redes sociais, e proposto que os alunos as comentassem livremente, deixassem sua opinião acerca do que cada frase trazia.

A primeira, “*Aí a menina fala que o coração está trancado à 7 chaves. Porém, qualquer chave de carro ou moto destrava*”, foi colocada com o intuito de fazer os alunos refletirem acerca da posição da mulher como alguém que se vende, visão essa muito reforçada e perpetuada pela mídia, representada, por exemplo, nas propagandas de carros, em que na maioria das vezes as mulheres são expostas ao lado do veículo, como se o automóvel fosse um imã, e automaticamente a pessoa que comprasse aquele carro teria como bônus elas aos seus pés, fazendo com que sejam rebaixadas a simples troféus, além é claro de incutir a ideia de que todas são interesseiras e, mais ainda, não são capazes de conquistarem por si próprias esses itens, estando sempre à procura de um homem que lhes ofereça bens materiais.

Contudo, a maioria dos alunos não conseguiram construir essa crítica, e se prenderam ou no lado afetivo, as mulheres interesseiras, que não estão à procura de um amor, ou até mesmo chegaram a levantar a questão do machismo, principalmente as alunas, mas sem grandes aprofundamentos e questionamentos.

Hoje em dia as mulheres escolhem as pessoas pelo os valores materiais e não por sentimento. (FEMININO, 17 ANOS, 2ºANO)

não gostei, me pareceu uma coisa machista, mas por um lado deve se pensar. (FEMININO, 17 ANOS, 2ºANO)

hoje em dia as mulheres não escolhe o garoto certo pega qualquer um. (MASCULINO, 16 ANOS, 2ºANO)

É nessas horas que você vê realmente a onde está o caráter da pessoa. (MASCULINO, 17 ANOS, 9ºANO)

Frase machista do caralho, que mostra como a sociedade é babaca e apresenta um padrão que toda mulher é interesseira. (FEMININO, 14 ANOS, 9ºANO)

A segunda e quarta frases, “*Homem não chora, aquilo que você viu era meu suor hétero*” e “*Nós homens também temos sentimentos. Por exemplo, sentimos fome*”, respectivamente, traziam para discussão as consequências do machismo para o homem e, uma delas em especial, também dava margem para a discussão da homofobia, pois abordou o choro como algo que torna alguém “menos homem”, e isso seria ruim, alegando, entrelinhas, que somente gays choram, e dentro do contexto, seriam, então, inferiores. Mas ambas tratavam da imposição da masculinidade aos homens, dizendo que eles não devem demonstrar sentimentos ou até mesmo tê-los. Isso nos faz pensar como a imposição de comportamentos pré-determinados afeta todos os lados, sendo que mesmo algo que é, biologicamente falando, passível para ambos os sexos, como o ato de chorar, dentro de um contexto social é designado somente às mulheres.

A partir da pesquisa realizada com estudantes do CEPAE é notável que essa já é uma perspectiva, ao menos no discurso, ultrapassada, visto que a maior parte dos alunos disseram que todos, independentemente do sexo, temos sentimentos e somos livres para chorar, e alguns, inclusive, identificaram o aspecto cultural desse pensamento.

A sociedade impõe um conceito de masculinidade que acaba afetando os próprios homens. Eles são escravos de um sistema que foi fundamentado em prol deles mesmos. Suor é hétero e choro é homossexual? Reveja seus conceitos, parça. (FEMININO, 14 ANOS, 9ºB)

Puro machismo, homem tem sentimentos sim, sofre de amor e tudo mais. (FEMININO, 16 ANOS, 2ºANO)

É que homem não admite que também chora, muitos homens não aceitam e ficam inventando mentiras como nesta frase. (MASCULINO, 14 ANOS, 9ºB)

Acho que homem chora igual a mulher, e suor hétero? Isso é uma piada tosca. (MASCULINO, 15 ANOS, 9ºA)

Outro ponto que pode e deve ser questionado é o da objetificação e apropriação do corpo da mulher, isto é abarcado na frase 3.3: “*Mulher com roupa curta os homens olham e aplaudem... exceto quando é a deles, porque aí a história é outra.*” Nesta sentença fica evidente a ideia de que o corpo da mulher é visto como fonte de entretenimento para os homens, e que o traje o qual ela porta é um pretexto para que comportamentos abusivos sejam

impulsionados. Além disso, traz para discussão a questão da mulher ser tomada, muitas vezes, como posse, “*quando é a deles*”: a **deles**. Deles é um pronome possessivo, ou seja, nos faz pensar que a namorada, esposa, companheira, amiga é uma propriedade.

Dentre os estudantes pesquisados, as alunas demonstraram maior indignação quanto a essa frase, talvez por se identificarem com esse tipo de situação. Muitas reforçaram o fato de que as mulheres têm o direito de usarem a roupa que quiserem sem serem julgadas por isso e que não são propriedade de ninguém. Porém, algumas também abordaram uma perspectiva diferente, que foi bastante pontuada pelos garotos, a que pesa mais, novamente, para o lado do relacionamento afetivo. Outro fator pontuado foi o de que é “natural” que o homem queira, olhe e goste de “apreciar” a mulher.

Machista e estúpido. Ninguém é de ninguém e se seu companheiro controla sua roupa e seu corpo isso é um relacionamento abusivo. Mulher não é propriedade de homem e homem não tem que olhar e aplaudir mulher de roupa curta” (FEMININO, 14 ANOS, 9ºB)

Seu c*! Mulher não é propriedade pra chamar de ‘sua’, mulher não é objeto... Roupa curta não da direitos de acediar. O corpo é da mulher ela se veste como ela quiser, e problema é dela. (FEMININO, 15 ANOS, 9ºA)

Um comentário verdadeiro pois a mulher para alguns homens e apenas um objeto. (MASCULINO, 14 ANOS, 9ºANO)

Homem hétero tem atração natural pelo corpo da mulher, lógico que quando ele olhar ele vai achar bom, porque é justamente isso que ele quer. Agora a atitude dele revelará o seu tipo de doutrinas. (MASCULINO, 18 ANOS, 2ºANO)

Pimenta nos olhos dos outros é refresco.” (FEMININO, 16 ANOS, 2ºA)

Elas usam para que possa ser usadas pelos homens, ou pelo fato que o homem gostam de mulheres corpulentas, porque elas não pode usar essas roupas inadequadas para que os homens de fora não olhem. (FEMININO, 14 ANOS, 9ºB)

Isso que muitos homens fazem é deslealdade, pois quando se está em um relacionamento ele deve ser fiel à mulher, olhar tudo bem, mas aplaudir é coisa de moleque. (MASCULINO, 15 ANOS, 9º ANO)

As afirmações 3.5 e 3.6 tratam de papéis impostos às mulheres e de características que seriam típicas e próprias delas, respectivamente. Ambas corroboram para propagar e manter a mulher em uma posição de inferioridade e subjugação, uma, porque a coloca em basicamente duas situações: como mãe e objeto sexual. Enquanto a outra associa a imagem da

mulher somente à características negativas e estereotipadas.

Em relação à frase 3.5, “*Macho que é macho divide as tarefas de casa: a mulher cuida do bebê e o homem da babá!*”, a grande maioria dos estudantes problematizou somente o adultério e a deslealdade do marido. Já a 3.6 “*Foi comprovado que a bebida alcoólica contém alto índice de hormônio feminino. Todo homem que bebe demais começa a falar alto, dirige mal e quer ter razão em tudo*”, provocou muitos questionamentos no que diz respeito à generalização desta afirmação, embora alguns tenham concordado.

KKK... essa frase mostra o que acontece muito atualmente, traição, isso é ridículo. (FEMININO, 13 ANOS, 9º ANO)

É engraçado, levando para o senso de humor, mas com seriedade, nada a ver, ridícula, se quer a babá larga a mulher e vai viver com a outra, mas não traia ninguém. (MASCULINO, 15 ANOS, 9º ANO)

Isso é uma falta de respeito com a mulher e com o filho. (FEMININO, 17 ANOS, 2º ANO)

mais pura verdade, pois esses são os hábitos das mulheres, querer ter razão de tudo. (MASCULINO, 14 ANOS, 9º ANO)

Generalizou demais, nem toda mulher dirige mal. (MASCULINO, 14 ANOS, 9ºA)

Errado, pois mulheres não dirigem mal, pessoas dirigem mal independente de ser mulher ou não. (MASCULINO, 14 ANOS 9ºB)

Somos assim mesmo e daí? Eles são piores, são machistas batem em mulheres, etc. a que saber vai se f* o autor dessa frase. (FEMININO, 14 ANOS, 9º ANO)

Por fim, as duas últimas frases abordaram o tópico do feminismo, movimento que luta em prol da igualdade de gêneros, contudo, de maneira extremamente pejorativa, o desvalorizando e depreciando-o.

Na 3.7, “*Na hora de pagar a conta, nenhuma mulher é feminista*”, a maior parte dos estudantes concordaram de alguma forma, minoria foram os que discordaram totalmente, se apoiando nos ideais de direito iguais.

Em contrapartida, na frase 3.8 (“*Tá certo que as mulheres devem correr atrás dos seus direitos, mas na volta vê se traz uma cerveja!*”) muitos foram os que se opuseram, atestando que esse era um pensamento machista. Grande parte das meninas utilizaram da ironia para contestar essa sentença, e alguns dos meninos concordaram com a frase.

Verdade, pois as mulheres querem acabar com o machismo e na hora de pagar a conta nada. (MASCULINO, 14 ANOS, 9º ANO)

logico que não mulher tem que ser tratada como princesa, os troxa paga conta. (FEMININO, 17 ANOS, 2º A)

Com essa frase concordo, pois elas lutam por direitos iguais mais so querem favorecer elas. (MASCULINO, 17 ANOS, 9º ANO)

Não concordo com essa frase, mas acho que a base do pensamento dela está certa, pois tem muita mulher que é feminista e quando pedem para ela fazer algo que geralmente são os homens que fazem, elas falam que não, pois são mulheres e não podem fazer isso. (MASCULINO, 14 ANOS, 9º B)

A feminista luta para que a obrigação social do homem pagar para a mulher acabe e também para que ela faça o que quiser e o que bem entender. Ela deixar um homem pagar sua conta indica que ela apenas não quer pagar e não que a sociedade o obriga a tal. (FEMININO, 14 ANOS, 9º B)

o feminismo por ser uma luta de mulheres para mulheres é muito discriminado, o ato do homem pagar a conta é um ato machista e demonstra também que o homem sempre ganha mais. quando o homem aceita pagar a conta toda ele está questionando a capacidade feminina de também ser bem sucedida. (FEMININO, 14 ANOS, 9º ANO)

Ridícula essa frase. Se for para trazer cerveja irei trazer para mim. (FEMININO, 16 ANOS, 2º A)

Mulheres não são garçonetes exclusivas suas OK!! (MASCULINO, 17 ANOS, 9º A)

E o que tem de errado nisso? Traga para ele e cuide de sua vida! (MASCULINO, 18 ANOS, 2º ANO)

ESTOU NO HAVÁI ENQUANTO VOCÊ ME ESPERA... (FEMININO, 15 ANOS, 9º B)

Karalho, ganhou meu respeito. (MASCULINO, 13 ANOS, 9º A)

Um pensamento machista de que a mulher foi feita para satisfazer as vontades dos homens. (FEMININO, 15 ANOS, 2º A)

Vai você e busca não somos obrigadas. (FEMININO, 14 ANOS, 9º ANO)

Um dos pontos que ficou claramente evidente em quase todos os questionários foi o da apropriação do termo machismo, porém sem o real domínio de seu significado. Somente na segunda parte da pesquisa, na qual foi proposto que eles comentassem as frases, as

palavras machismo e machista apareceram 47 e 94 vezes, respectivamente. A barreira instaurada por essa situação é complexa, pois por não ter conhecimento do sentido e definição desse conceito, os alunos não conseguem enxergar em suas próprias atitudes e falas um caráter machista, fazendo assim com que ele continue sendo propagado. Existem tentativas de romper com esse pensamento por parte dos estudantes, porém, inúmeras vezes, elas acabam resultando no oposto. Esses enganos são fruto de uma compreensão pouco aprofundada ou madura das relações de gênero, acarretando também na banalização do termo machismo e, por conseguinte, de suas consequências. Torna-se irrefutável então, a necessidade de definir o que seria machismo neste estudo.

Machismo é a ideia de superioridade do sexo masculino em relação ao feminino, mas não é somente isso. É um conjunto de elementos econômicos, políticos e sociais existentes na mentalidade do indivíduo, da população ou de uma instituição, que normatizam o que é ser homem e o que é ser mulher e os papéis destinados a cada um, colocando o homem e o “masculino” em uma posição de supremacia e autoridade, constituindo e legitimando as relações de poder entre gêneros.

É importante, contudo, ressaltar a diferença entre patriarcalismo e machismo, posto que esses dois conceitos são comumente usados como sinônimos, todavia, são termos distintos dentro do universo científico e acadêmico.

Enquanto o machismo se encontra no campo da reprodução ideológica sem respaldo legal, o patriarcalismo possui, por sua vez, uma fundamentação jurídica, isto é, ele é validado pelas leis de um país.

A título de exemplo temos o próprio Brasil, no qual o código civil brasileiro de 1916 declarava a mulher como incapaz, subordinada ao marido:

Art. 242 - A mulher não pode, sem o consentimento do marido:

- I. Praticar atos que este não poderia sem o consentimento da mulher
- II. Alienar, ou gravar de ônus real, os imóveis do seu domínio particular, qualquer que seja o regime dos bens.
- III. Alienar os seus direitos reais sobre imóveis de outrem.
- IV. Aceitar ou repudiar herança ou legado.
- V. Aceitar tutela, curatela ou outro múnus públicos.
- VI. Litigar em juízo civil ou comercial, a não ser nos casos indicados nos arts. 248 e 251.

VII. Exercer profissão.

VIII. Contrair obrigações, que possam importar em alheação de bens do casal.

IX. Aceitar mandato. (BRASIL, 1916)

Felizmente, a partir da constituição de 1932, a igualdade jurídica foi estabelecida, e como consequências as mulheres passaram a ter o direito ao voto. Atualmente, o código civil estabelece a igualdade entre os gêneros. Todavia, isso não significa a igualdade nos valores, práticas e juízos morais, baseados na manutenção da mentalidade, isto é, por mais que o Brasil não seja mais fundamentado no patriarcalismo, o machismo ainda persiste, e com bastante força, diga-se de passagem. Ele não é institucionalizado, entretanto é perpetrado e sentido diariamente pelas mulheres, pelos transexuais, pelos travestis e homoafetivos no Brasil, através da violência física, verbal e/ou simbólica.

Superá-lo é um caminho árduo e demorado, dado que está profundamente enraizado em nossa sociedade, não obstante, inegavelmente imprescindível. A forma mais eficaz de fazê-lo é por meio da educação, que deve se dar desde a infância, para que os preceitos machistas e sexistas não sejam internalizados e, mais do que isso, que esses cidadãos sejam formados pelo princípio da igualdade.

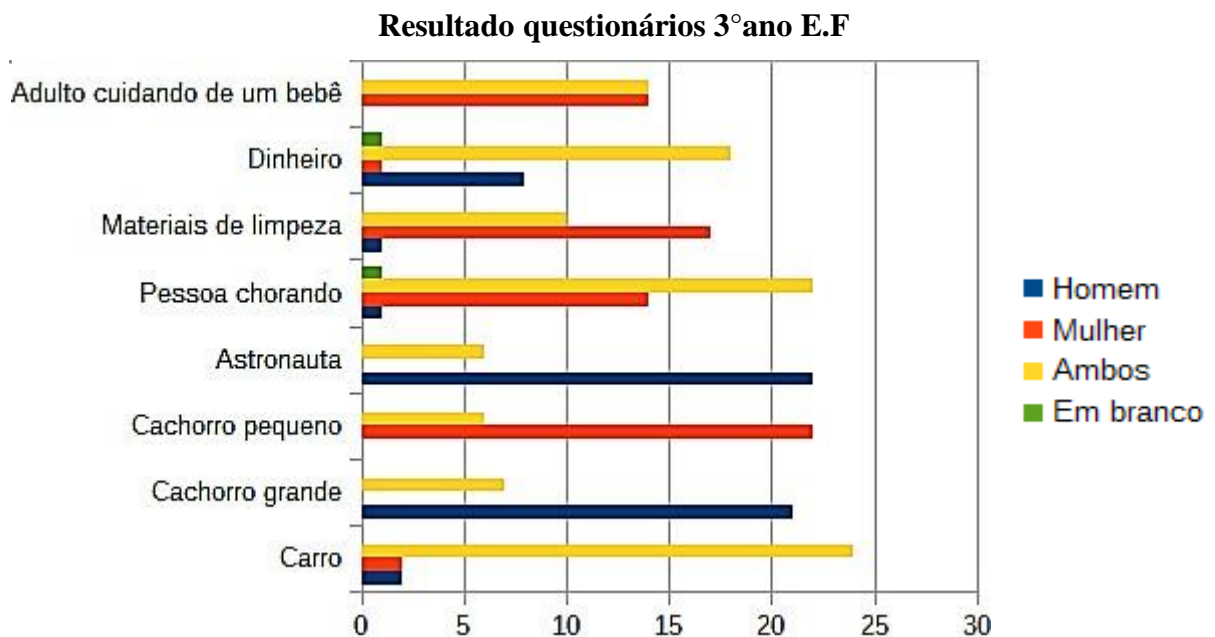
Foi pensando neste aspecto, que surgiu o interesse em analisar como os alunos da primeira fase do CEPAE, mais especificamente a turma do terceiro ano do ensino fundamental, concebem a questão de gênero. Já teriam as crianças dessa turma internalizado os papéis concebidos aos gêneros? Ou estariam elas em um processo de construção de ideias sobre o assunto?

Para obter tais informações, esses alunos também responderam a um questionário. No entanto, logicamente, ele tomou novos moldes: totalmente objetivo e com presença de imagens. Ele foi construído com o intuito de constatar/analisar/ perceber se o estudante reconhece e atribui os objetos e características contidos nas iconografias como pertencentes ao sexo masculino, feminino ou ambos. Cada uma foi escolhida de modo com que a composição da foto não interferisse na escolha do aluno.

A primeira imagem é a de um carro, relacionada à sentença que concede o poder econômico aos homens, e estipula que as mulheres são puramente interesseiras: “*Aí a menina fala que o coração está trancado à 7 chaves. Porém, qualquer chave de carro ou moto destrava*”; O objetivo da foto é averiguar se a criança reconhece esse objeto, carro, como

posse do sexo masculino, feminino ou ambos, e assim como em todas as outras imagens.

Algumas delas – como a citada acima- foram propositalmente relacionadas a uma frase do questionário aplicado na segunda fase. A do dinheiro também vinculada ao interesse financeiro da mulher, o olho com uma lágrima faz alusão à frase que diz respeito ao “homem de verdade que não chora”, e os materiais de limpeza e cuidados com o bebê com a ideia de destinação aos trabalhos domésticos e parentais somente às mulheres, como foi atestado na sentença 3.5 do outro questionário. Já por exemplo, em relação ao cachorro de grande porte e de pequeno porte, a intenção era de que o shitzu representasse algo mais delicado e frágil, enquanto o rottweiler seria o oposto. Os resultados obtidos foram sintetizados no gráfico abaixo:



Analisando este gráfico percebemos que somente em uma das categorias, o carro, os alunos identificaram majoritariamente como sendo pertencente à ambos, e mesmo aqueles que relacionaram esse artigo a um dos sexos, a quantidade de estudantes que marcaram como um objeto vinculado aos homens ou às mulheres foi exatamente a mesma.

Apesar de em alguns a quantidade de “ambos” ter sido expressiva, nota-se que sempre há um peso maior para um dos lados: masculino ou feminino. Por exemplo, materiais de limpeza, o ato de chorar, cuidar de um bebê, animais domésticos mais delicados, são coisas ainda tendenciosamente caracterizadas como ligadas à mulher, enquanto que o poder

aquisitivo e certas profissões ainda são extremamente ligadas à imagem do homem. A partir disso, é possível afirmar que os papéis concernidos aos gêneros começam a ser moldados desde a infância.

Isso já começa a ser construído quando, por volta da décima terceira semana de gestação, quando o diagnóstico do sexo do bebê já pode ser deliberado com bastante precisão e, de acordo com o que é determinado medicamente, a criança passa a ser automaticamente enquadrada em certos padrões. Caso o conjunto de órgãos desse ser sejam referentes ao sexo feminino, os pais e familiares logo começam as compras: berço e roupas rosas, bonecas, panelinhas e outros inúmeros produtos “de menina”. Caso o contrário, a cor azul toma seu lugar, assim como carrinhos, bonecos e outras coisas “de menino”. (GOEBEL, s. p., 2014)

A criança cresce exposta aos incalculáveis estereótipos, e é educada conforme a noção cultural que se tem dos papéis masculinos e femininos em nossa sociedade, sendo obrigada a formar sua identidade segundo o que lhe foi atribuída biologicamente. Sua vida passa a ser regulamentada por esse fator, a posição que ela deverá assumir dentro de casa, a profissão escolhida, sua personalidade, se ela deverá ser sensível ou dura, submissa ou ativa, até mesmo sua sexualidade é definida: homens se sentem atraídos por mulheres e vice-versa. (GOEBEL, s/p, 2014) Todas essas características são aceitas e passadas como se fossem inatas a todos, o que não é bem verdade.

É justamente esse conjunto de concepções refletidas por essas crianças no questionário aplicado, que legitima e possibilita a criação e perpetuação de frases machistas, como as apresentadas no questionário da segunda fase, e mais que isso, induz esses alunos a não verem e muito menos criticarem este tipo de visão e comportamento difundidos em nossa sociedade, além é claro de reproduzi-los e, assim, contribuir para a sua persistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inúmeros episódios do meu dia-a-dia, principalmente na escola, impulsionaram essa pesquisa. Um deles em especial me chamou muita a atenção: em uma determinada aula foi solicitado que os alunos fizessem placas que julgassem estar faltando na instituição, e um dos grupos, que se automeou Machista Opressor, elaborou uma que sinalizava a proibição do feminismo, afirmando que este é um movimento que prega a superioridade da mulher, mais especificamente, a placa continha o símbolo da representação do sexo feminino invertido, com o sinal de proibido em vermelho e os escritos: “fora feminismo”. A partir desse acontecimento ficou evidente a presença de uma contrarreação retrógrada que se fundamenta em um discurso de ódio, reduzindo tudo a uma questão de semântica. Esse quadro assevera a importância e urgência em se estudar as relações de gênero e os conceitos relacionados a essa questão dentro do ambiente escolar.

A não percepção da padronização e imposição dos papéis de gênero é o que, fundamentalmente, dá margem para o surgimento de ideias como a apresentada na placa dos alunos e a idealização do que é ser homem ou mulher, o que acarreta demasiadas e graves consequências, como o machismo, a homofobia, a violência contra a mulher e a própria desigualdade de gêneros. Infelizmente, tal conjunto de concepções acerca da identidade feminina e masculina se encontra extremamente enraizada na cultura e sociedade brasileira, sendo construída e incutida em nossa mentalidade desde a infância, tal como foi constatado no questionário aplicado na primeira fase.

Ademais, tal mentalidade que cria uma diferenciação entre os gêneros, instituindo características e comportamentos que seriam típicos de homens e mulheres, é hegemônica em nossa sociedade, fator esse que foi identificado na primeira parte do questionário aplicado nos alunos da segunda fase, o que corrobora para a inferência de que nem mesmo a educação formal anda sendo capaz de provocar a alteração dessa mentalidade, tendo em vista que ela é apropriada por pessoas com ou sem instrução.

Este pensamento, que determina e impõe como deve ser a identidade feminina e masculina, não é compreendido como um processo cultural, histórico e social, ele é

naturalizado, tolhendo críticas e transformações efetivas, além de não suscitar possibilidade nem arcabouço teórico para se combater o machismo verificado em nossa sociedade, e reafirmado por meio das frases coletadas em blogs e redes sociais.

É justamente nesse discurso determinista, que alguns homens se apoiam para legitimar sua dominação sobre as mulheres, dizendo que esse é sexo frágil, e que nós somos mais sensíveis, passivas e submissas por natureza. Essa ideia é fortemente contestada por Simone de Beauvoir, em seu livro, *O Segundo Sexo*, ao asseverar que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 1967, p. 9) Ou seja, Beauvoir defende que não há nenhum destino ou determinação biológica, psíquica ou econômica que defina previamente o que uma mulher deve ser ou será.

Romper essas barreiras do preconceito, buscando compreender o processo de naturalização da identidade feminina e masculina em nossa sociedade, seria um exímio começo, libertando homens e mulheres dessas correntes conservadoras, visto que essas indagações não colocam em cheque unicamente a opressão contra as mulheres, como muitos acham. A opressão masculina, tão enraizada quanto a feminina, é igualmente questionada. São frequentes as afirmações que alegam a necessidade que os homens têm de provar sua masculinidade a todo custo. É imposto aos homens um determinado modelo de masculinidade como se também fosse único e natural a todos eles. Esse modelo determina como eles podem agir e do que devem gostar, coibindo seus pensamentos e sentimentos diversas vezes.

O entendimento da construção do conceito de gênero é primordial no reconhecimento da singularidade e idiosincrasia dos indivíduos, assegurando a liberdade de cada um em formar suas peculiaridades, construir sua própria identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta.** Ribeirão Preto (SP), 1992. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paideia/article/viewFile/46422/50178>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate.** Rio de Janeiro (RJ), 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200004> Acesso em: 30 nov. 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**, vol 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, 2ª edição.

BRASIL. **Código Civil dos Estados Unidos do Brasil.** 1916. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm>. Acesso em: 30 nov. 2015.

COUTO, Márcia Thereza; SCHRAIBER, Lilia Blima; OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas d' & KISS, Lúcia Bittencourt. **Concepções de gênero entre homens e mulheres de baixa renda e escolaridade acerca da violência contra a mulher.** São Paulo. 2006. S. p. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232006000500021&script=sci_arttext> Acesso em: 30 nov. 2015.

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para uma análise do machismo.** 1980. Disponível

2015.

FAGUNDES, Ana Luisa Marques; ALMEIDA, Alessandra Santos; ANDRADE Darlane &

GOEBEL, Felipe. **Gênero: entre o biológico e o social**. 2014. Disponível em:

<<http://osentendidos.com/2014/07/18/genero-entre-o-biologico-e-o-social/>> Acesso em: 23 nov. 2014.

MARIANO, Silvana Aparecida; PIZZI, Maria Letícia; SCHMIDT, Natália Taiza; SILVA,

Samira Prado & GARCIA, Lucélia dos Santos. **Conceitualizando gênero, conjunturas**

familiares e homofobia para uso da sociologia no ensino médio. Londrina: 2013.

Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/1%20Edicao/1ordf.](http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/1%20Edicao/1ordf.%20Edicao.%20Artigo%20MARIANO%20S.%20A.%20et%20al.pdf)

%20Edicao.%20Artigo%20MARIANO%20S.%20A.%20et%20al.pdf > Acesso em: 23 nov.

2014.

MIRANDA, Helena. **Gênero e psicologia: um debate em construção no CRP-03**. Maceió.

2009. Disponível em:

<http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/500.%20g

%20CAnero%20e%20psicologia.pdf> Acesso em: 30 nov. 2015.

PRAUN, Andrea Gonçalves. **Sexualidade, gênero e suas relações de poder**. Maranhão

(MA), 2011. Disponível em:

<<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641/1302>>

Homens recebem salários 30% maiores que as mulheres no Brasil. S. a. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil/>> Acesso em: 30 nov. 2015.

Evolução histórica da mulher na legislação. S. a. Disponível em: <http://www.mundovestibular.com.br/articles/2772/1/EVOLUCAO-HISTORICA-DA-MULHER-NA-LEGISLACAO-CIVIL/Paacutegina1.html>> Acesso em: 30 nov. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

O questionário a seguir é parte da pesquisa do TCEM (Trabalho de Conclusão do Ensino Médio). A identificação dos participantes e as informações obtidas serão tratadas com sigilo e anonimato.

SÉRIE _____ IDADE () SEXO: FEMINO () MASCULINO ()

Responda as seguintes questões. Sinta-se livre para responder da forma que achar melhor.

1. Na sua opinião, há características, comportamentos ou coisas que são típicos de homens e outros que são típicos de mulheres?

1.1. Se você respondeu **sim** na questão 1.:

a) Na sua opinião, quais características, comportamentos ou coisas são típicos de mulheres?

b) Na sua opinião, quais características, comportamentos ou coisas são típicos de homens?

1.2. Se você respondeu **não** na questão 1.: Por que, na sua opinião, não há características, comportamentos ou coisas que seriam típicos de homens e outros típicos de mulheres?

2. Na sua opinião, existe “mulher ideal” e/ou “homem ideal”?

2.1. Se você respondeu **sim** na questão 2.:

a) Na sua opinião, como é a mulher ideal?

b) Na sua opinião, como é o homem ideal?

2.2. Se você respondeu **não** na questão 2.: Por que, na sua opinião, não existe “mulher ideal” e/ou “homem ideal”?

3. Comente **livremente** as seguintes frases retiradas de blogs e redes sociais da internet. Comente todas ou apenas as que você achar mais interessante.

3.1. “Aí a menina fala que o coração está trancado à 7 chaves. Porém, qualquer chave de carro ou moto destrava.”

3.2. “Homem não chora, aquilo que você viu era meu suor hétero.”

3.3. “Mulher com roupa curta, os homens olham e aplaudem... exceto quando é a deles, porque aí a história é outra.”

3.4. “Nós homens também temos sentimentos. Por exemplo, sentimos fome.”

3.5. “Macho que é macho divide as tarefas de casa: a mulher cuida do bebê, e o homem da babá!”

3.6. “Foi comprovado que a bebida alcoólica contém alto índice de hormônio feminino. Todo homem que bebe demais começa a falar alto, dirige mal e quer ter razão em tudo.”

3.7. “Na hora de pagar a conta, nenhuma mulher é feminista.”

3.8. Tá certo que as mulheres devem correr atrás dos seus direitos, mas na volta vê se traz uma cerveja!”

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

Marque com X a alternativa que você julga ser a correta, a que você acha que mais se relaciona com a imagem:



Mulher []
Homem []
Ambos (os dois) []



Mulher []
Homem []
Ambos (os dois) []



Mulher []
Homem []
Ambos (os dois) []



Mulher []
Homem []
Ambos (os dois) []



Mulher []
Homem []
Ambos (os dois) []



Mulher []
Homem []
Ambos (os dois) []



Mulher []
Homem []
Ambos (os dois) []



Mulher []
Homem []
Ambos (os dois) []